



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

## Contribuições da “história vista de baixo” para a ampliação das “vozes” de mulheres Guarani e Kaiowá nas coberturas jornalísticas<sup>1</sup>

Tatiane Karina Barbosa de QUEIROZ<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar, ainda que preliminarmente, algumas contribuições acerca da “história vista de baixo” para a ampliação das “vozes” das mulheres indígenas nas coberturas jornalísticas sobre questões envolvendo os povos originários brasileiros. Para dar conta dessa proposta, identificaremos alguns dos potenciais da “história vista de baixo”, enquanto nova perspectiva da história, assim como algumas reflexões sobre as possíveis relações com o jornalismo, enquanto prática social. Na sequência, ressaltaremos aspectos importantes sobre as mulheres Guarani e Kaowá e seus processos de resistência. Por fim, apresentaremos alguns apontamentos com base na Reportagem “A luta das Guarani e Kaiowá na região mais perigosa para mulheres indígenas no país”, veiculada no ano de 2019, pela Agência Pública.

**Palavras-chave:** Jornalismo; História vista de baixo; Mulheres Indígenas; Guarani;

### Introdução

A história, de forma geral, tem sido marcada, desde os tempos clássicos, pelo ponto de vista aristocrático, ou seja, tem sido contada somente a partir dos “grandes feitos”, dos “heróis” das nações, das opiniões políticas e econômicas da elite, do cientificismo, das fontes oficiais, aproximando-se, assim, dos ideais positivistas.

Da mesma forma, o jornalismo, constantemente, no que tange a sua *práxis*, tem silenciado as vozes das minorias. Medina (2008) nos lembra que o jornalismo (prática

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia integrante do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), email: [jornalistatianequeiroz@hotmail.com](mailto:jornalistatianequeiroz@hotmail.com)



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

social/profissional) que é exercido atualmente no Brasil conta com forte influência do Positivismo, posteriormente reafirmado pelo Funcionalismo, o que faz com que a sua *práxis* incorpore elementos fundamentais do Pensamento Moderno.

Para iniciar essa reflexão, faz-se necessária uma correlação das perspectivas da “história vista de baixo”, enquanto abordagem historiográfica, com o jornalismo, entendido neste trabalho, como prática social. A história e o jornalismo possuem diversas interrelações entre si. Romancini (2010) enfatiza que o jornalismo tem, por vezes, um importante e polêmico papel na elaboração da chamada “história imediata”.

Dessa forma, o objetivo deste ensaio é entender como o campo da História pode contribuir com o campo do Jornalismo para uma *práxis* que amplia as vozes das minorias, especialmente das mulheres Guarani e Kaiowá. Para dar conta dessa proposta, ainda que de forma preliminar, apresentaremos, além das perspectivas e abordagens teóricas, alguns apontamentos sobre a Reportagem “A luta das Guarani e Kaiowá na região mais perigosa para mulheres indígenas no país”, veiculada no ano de 2019, pela Agência Pública.

#### **1. A “história vista de baixo” e suas relações com o jornalismo**

Burke (2011) destaca que são vistas como “novas” as perspectivas de escrita da história que se opõem ao chamado paradigma “tradicional”, também conhecido como “história rankeana”, devido ao historiador alemão Leopold Von Ranke – responsável por promover uma espécie de “cientifização” da história. Dessa forma, a história rankeana era o território dos profissionais, já que o século XIX foi a época em que o campo foi profissionalizado, conquistando espaço nas universidades e publicações na área. De acordo com o “paradigma” tradicional, a história diz respeito essencialmente à política, além de oferecer apenas uma “visão de cima”, ou seja, se concentra nos feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou eclesiásticos.



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

A “história vista de baixo” surge, então, juntamente a outras, como uma nova perspectiva da história, uma vez que a expressão implica que há algo “acima” para ser relacionado. É importante lembrar que movimentos como a descolonização e o feminismo tiveram grande impacto sobre as novas perspectivas da escrita da história. Sharpe (2011) esclarece que a história vista de baixo, constituída como uma nova perspectiva da história, tem a função de corrigir a abordagem feita pela história tradicional – contada apenas na perspectiva da elite – além de abrir a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão da nossa própria história, ou seja, de ampliar o conhecimento sobre o nosso próprio passado.

Pontes (2009) argumenta que é possível observar que muito do que se discute hoje em jornalismo é um retorno a problemas bastante debatidos na história. Por isso, a nossa hipótese é de que a história, em especial a perspectiva da história vista de baixo, pode contribuir para o jornalismo, como prática social, na ampliação das vozes das minorias.

## **2. Mulheres Guarani e Kaiowá e seus processos de resistência**

Segundo o IBGE (2010), o país conta com cerca de 817 mil indígenas, distribuídos em 305 etnias. A maioria da população Guarani e Kaiowá vive no estado de Mato Grosso do Sul, em cidades próximas à fronteira do Brasil com o Paraguai. Dos 52 mil indígenas Guarani e Kaiowá nessas localidades, cerca de 38 mil são mulheres.

Assim como indígenas de diversas etnias, em diversas partes do país, as Guarani e Kaiowá enfrentam, diariamente, múltiplas formas de violência, como discriminação, miséria, violência física, violência psicológica, violência contra jovens e crianças, abuso sexual, violência contra as que se colocam como homossexuais e até homicídios, além de violações de direitos humanos, que vão desde os direitos civis e políticos, até os direitos econômicos, sociais e culturais. Como forma de resistência, nas últimas décadas passaram a se organizar em grupos, coletivos e organizações sociais, como a *Aty Kuña*



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

*Guasu* (Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá), e atuando em diversas frentes de luta, inclusive nas questões relacionadas à retomada de seus territórios.

Dessa forma, além de mecanismos de resistência, esses movimentos podem ser vistos como instrumentos que dão “voz” a essas mulheres. Faz-se necessário, no entanto, questionar: Qual papel é, pode ser, ou deve ser exercido pelo jornalismo para que as Guarani e Kaiowá sejam ouvidas?

### 3. Apontamentos sobre a Reportagem da Agência Pública

A reportagem intitulada “A luta das Guarani e Kaiowá na região mais perigosa para mulheres indígenas no país<sup>3</sup>” foi escrita pela jornalista Anna Beatriz Anjos e veiculada, no dia 21 de outubro de 2019, pela “Agência Pública”. O texto revela, por meio dos relatos de diversas mulheres indígenas, os inúmeros tipos de violências sofridas nas aldeias e também fora delas. Entre as fontes ouvidas pela repórter estão personagens de diversas idades: jovens, idosas (também chamadas de *nhandesy*, que são as rezadoras e curandeiras tradicionais Guarani e Kaiowá), estudantes, profissionais de saúde e antropólogas, entre outras. Entre as falas estão as histórias de violência física, abuso sexual, estupro e até tentativas de homicídios.

É importante destacar que a reportagem ouve diversas fontes qualificadas como “oficiais”, de acordo com critérios jornalísticos, como Ministério da Saúde, Ministério Público Federal (MPF), Polícia Militar, Polícia Civil e outras. No entanto, a narrativa não “reconstrói” os fatos levando em consideração apenas essas vozes. Nesse caso, as falas das mulheres indígenas ocupam um lugar de prestígio, de valor.

### 4. Considerações

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://apublica.org/2019/10/a-luta-das-guarani-e-kaiowa-na-regiao-mais-perigosa-para-mulheres-indigenas-no-pais/>



### Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Como já mencionado, entendemos que o jornalismo praticado atualmente incorporou, em sua *práxis*, elementos do Pensamento Moderno. Entendemos que a lógica que determina a percepção da população em relação ao indígena e que produz a não-existência desses povos, também opera sobre o fazer jornalístico. Na contramão disso, acreditamos que as reflexões deste ensaio, ainda preliminares, apontam que a relação entre história e jornalismo pode ser um possível caminho para um olhar mais crítico em relação ao fazer jornalístico. No que tange as contribuições da história vista de baixo, principalmente às perspectivas de ampliar as vozes das “pessoas comuns”, subalternas, as minorias, onde estão inseridas as mulheres Guarani e Kaiowá.

### REFERÊNCIAS

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado, seu futuro. In.: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico** (2010). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 12 jul. 2018.

MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

PONTES, F. S. **Teoria e História do Jornalismo: desafios epistemológicos**. Florianópolis: UFSC (Dissertação de Mestrado) 2009.

ROMANCINI, R. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In.: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Reportagem consultada:

ANJOS, A. B.; FONSECA, B. A luta das Guarani e Kaiowá na região mais perigosa para mulheres indígenas no país. **Pública**, 21 out., 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/10/a-luta-das-guarani-e-kaiowa-na-regiao-mais-perigosa-para-mulheres-indigenas-no-pais/>. Acesso 21 nov., 2019.